

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 14 de junho de 1903

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



PADRE ANTONIO LIMA

Com o sentimento geral da população barcelloense, finou-se n'esta villa, na passada semana, o padre Antonio José Monteiro de Lima.

Espirito esclarecido e illustrado, pertencia a uma pleiade de rapazes de Barcellos que seguiu a carreira ecclesiastica e que se tornou notavel pelos seus dotes intellectuaes.

O padre Lima era um coração generoso, um bom caracter e um amante da verdade, embora a manifestação d'este attributo lhe acarretasse por vezes alguns dissabores.

Mas não podia deixar de ser assim, que era aquelle o seu feitto transmittido por herança, pois seu pae, Manoel José de Lima, e seu tio Antonio, dous valentes soldados liberaes, pres-tes a obterem as bandas de officiaes do exercito em seguida á Convenção de Evora Monte, tiveram de abandonar a carreira das armas, unicamente levados pelo seu genio não accommodatico e intransigente.

O padre Antonio Lima entregou-se em tempo ao jornalismo, sendo annos correspondente effectivo do antigo «Jornal do Porto».

Tinha predilecção pelas investigações historicas, devendo ter deixado documentos ou apontamentos curiosos e apreciaveis.

N'esta villa collaborou, que nos lembre, no «Jornal do Povo», no «Barcellense» e na «Aurora do Cavado», fazendo-o sempre com eleva-

ção, nobreza de forma e cortezia.

Era muito generoso e dedicado na sua amisade, cultivando as melhores relações, quer em Barcellos, quer com as pessoas estranhas com quem se punha em contacto.

Em politica fôra progressista ferrenho emquanto pôde confiar na realisação do pacto da Granja; apenas porem desfeitas as suas esperanças, pela capitulação e rotina dos herdeiros de Braamcamp, abandonou bem cedo este partido monarchico, inscrevendo-se em 1883 socio installador do Club Democrático Barcellense, apaixonando-se até á ultima pelos ideaes republicanos.

O padre Antonio Lima que vivêra em relativa felgança de meios, achava-se ultimamente n'uma situação apertada, bem antinonica á sua aspiração e modo de ser.

Como ecclesiastico sentiu-se por vezes abafado pelo rigor da disciplina e, com a franqueza que o caracterisava, insurgia-se na intimidade dos amigos contra tudo quanto lhe amesquinhalva a ideia de Patria, que muito presava, e contra a regulamentação anti-natural.

Mas apresentava-se correcto no sacerdocio, desfazendo por uma vida continuamente honrada qualquer fraqueza do seu coração.

S: tinha defeitos, perdoar-lh'os-hia D. Frei Bartholomeu dos Martyres, que pelo menos foi um santo.

Paz á sua alma.

THEATRO

A concorrência—Os chapéus—Os espectadores.

Tivemos no nosso Gil Vicente dous espectaculos selectos pela concorrência, pelos artistas do theatro D. Maria II e algo pelas peças que os computeram.

Provou-se mais uma vez que, estando-se a contas com actores conhecidos pelo seu merito real, só não vae ao theatro quem não tem dinheiro (ou tendo-o se encontra entevado, cego, mouro ou é refractario a diversões d'esta natureza).

Ficou demonstrado que o Julio Vallongo pôde, por esta segunda feita, ser o nosso visconde de S. Luiz de Braga.

*
Pede o nosso collega da «Folha»—com toda a razão—que á semelhança do que se vê em Lisboa, as nossas senhoras não vão abrigadas por collossaes chapéus (que semelham, na circumferencia, rodas de carros de bois) occupar assento de cadeiras, com grande estorvo da vista das pessoas tarrecas que lhes fiquem em logares á rectaguarda. (1)

O mesmo collega se revolta—principalmente—contra as galerias pela maneira por que se contiveram no decorrer das representações. Rindo, conversando, perante as scenas mais tocantes! . . .

N'aquelle ultimo lance do «Crime d'amor», sobretudo,—que era uma scena de facil comprehensão, já pela linguagem corrente, já pelos personagens, já pelos interpretes—não foram só as galerias, mas até algumas senhoras que occupavam camarotes, deram de si um testemunho muito triste!

Que nem todos comprehendam uma leitura fina, uma conversa scientifica, por falta de conhecimentos, de intelligencia é commum; mas que se seja absolutamente refractario á commoção estando-se a contás com uma peça d'aquella natureza, tão minhoto, movimentada por actores de primeira ordem, como Ferreira da Silva,—é espantoso!

(1) *Uma dama sensata observou-nos em tempo o abuso que em Barcellos faz qualquer menina do chapéu: para atravessar a rua, para ir ao estabelecimento de lazendas, para passeiar de noite estrada fora...*

Estava ha tempos na mercearia da Viuva em Barcellinhos, o Francisco Carteiro, o caixeiro do mesmo estabelecimento, Albino, e um moleiro, que lá tinha ido fazer algumas compras.

Este, julgando haver dado á casa lucro sufficiente para poder ter por recompensa um calix de aguardente, pediu:

—Vamos lá matar o bicho!

Albino corre pressuroso a buscar um calix, que encheu com um liquido qualquer.

O gultão bebeu... mas era agua.

—A mim não me comiam vocês—diz o Francisco.

—Nem eu lhe fazia isso... porque lhe dava aguardente...

—Homem! pois vamos a ella...

Albino faz a mesma operação que ao moleiro, mas em vez de agua simples, deita aguardente.

—Se quer, mistura-se com um pouco de licor, para se tornar mais agradável ao paladar...

—Pois sim... Ah! a mim não me engana você.

—Nem eu fazia isso... já lhe disse—diz o mesmo caixeiro, entregando ao Francisco um calix com certa bebida de uma bella côr que

o nosso inilludível amigo bebeu de um só trago.

Oh! que carêta tão feia elle fez...

O licor que se tinha misturado... era vinagre!

O nosso heroe, que tinha feito um assurriada enorme ao moleiro, foi depois chuehado por este valentemente... , dizendo sempre que não dava cavaco, nem tão pouco havia engulido a preciosa... bebida, apesar do que não voltou áquelle estabelecimento senão officialmente.

Quando foi benzida a imagem de Santo Antonio, que se venera na Collegiada e que uma devota mandou encarnar, entre outros festejos, queimou-se muito fogo.

Como os foguêtes não subissem ao ar, pelo motivo de estar a chover, de que se ha-de lembrar o Zé da Mãe?

De molhar em azeite a *morraca* com que communicava lume aos foguetes...

E o caso é que elles depois subiam...

OS NOSSOS HOSPEDES

Estão nesta villa o nosso illustre patricio e distincto pintor, de tanta honra Barcellos, Antonio Candido da Cunha; e o conhecido gravador Marques Abreu, proprietario dum dos primeiros ateliers de gravura do paiz.

Ambos se teem aproveitado dos seus meritos d'artistas: o primeiro na sua especialidade e o ultimo com photographias que tem tirado desta villa, aliás destinadas á «Illustração Moderna», revista que, artisticamente, dirige com rara competencia.

CARTAS D'ALDEIA

Espozende, 7 de junho

Um successo, a minha carta de 27 de maio!

O que em Barcellos faria rir meio Portugal, fez nesta freguezia darem todos por paus e por pedras...

Ahi, o Caganito ataria as mãos á barriga, para esta lhe não arrebentar á força de muito rir.

Aqui, o meu amigo Frente agarrou um landreiro e poz-se no meio da rua a desancar todos que tivessem a infelicidade de por lá passar.

O José Abreu, não tendo mais em quem bater, bateu em si mesmo...

Quando por aqui tornou a passar o automovel do sr. infante, todos se mettiam nas casas escondidos por traz das portas, com medo de que os eu deitasse á «Lagrima»...

Um grupo de despeitados escolheu o Amadeu Cardoso para pedir satisfações ao João Freitas, indigitando este cavalheiro como auctor d'estas cartas.

Estão enganados: o auctor sou eu, o Meninó...

E não admitto que ninguem diga o contrario...

*

Sei que diversos cavalheiros d'aqui teem escripto ao director da «Lagrima», a perguntar-lhe o nome do auctor.

Ingenuidade saloial!

Na passada quinta-feira, reuniram-se na redacção do «Povo Espozendense» os srs. Alvaro Pinheiro, Joaquim Pedrosa, Raul Oliveira, Espantaleão Sebento da Rocha Calháo, Amadeu Cardoso, José Terra e Ramalho, sob a presidencia do Reverendo José da Silva Vieira, para resolverem a melhor orientação a seguir, para desaffronta das *offensas* (?).

Visto o sr. João Freitas declarar não ser o auctor da carta em questão, foi resolvido retpar o Meninó (minha pessoa), para um duello, que terá lugar amanhã.

São padrinhos, por parte do offensor, os srs. Rabalde e Carvalho, d'Apulia; por parte dos offendidos; os srs. José Abreu e Jayme Alexandrino da Silva, d'esta aldeia.

No proximo numero darei noticia circunstanciada do que se passar.

Por lapsos, não narrei na minha primeira carta um episodio interessante a que assisti, quando nesta aldeia passou pela primeira vez o sr. Infante D. Affonso.

A' sua chegada a multidão exclamava:

—Viva o sr. infante!

Quando se retirava, uma mulher, atraz do automovel, berrava com toda a valentia:

—Viva o sr. Infancia!

E Sua Alteza ria-se, não sei se por lhe achar graça, se por julgar propicia occasião de mostrar os seus lindos dentes... de marfim.

*

Duas locaes lemos no «Povo Espozendense», que é crime não se transcreverem.

Ahi vae uma:

O Meninó o que quer é grão, e o cabresto mais curto.

O' Yess, macarronis com batata...

Mandem-me tudo isso a casa, que bem preciso me é.

O cabresto, para segurar o auctor da local; e o grão para o dar depois a comer ao mesmo...

Ahi vae outra:

Passou n'esta villa, na ultima quarta-feira, pelas 11 e meia horas da manhã, em automovel, pelas 11 e meia horas com direcção a Vianna do Casrello, voltando, pelas 4 e meia da tarde com direcção ao Porto o sr. D. Affonso.

E ainda dizem que não.

Ebrios de enthusiasmo, os redactores d'aquella folha fazem d'estas joias litterarias...

Hurrah!

Meninó

Dr. Martins Lima

O hebdomadario do Porto «A Algazarra» estampou na primeira pagina do seu numero de domingo passado, o retrato do nosso presado amigo e collega de redacção Sn. Dr. Antonio Martins de Souza Lima.

Exhultamos com esta justa homenagem, como barcellenses e como camaradas de redacção.

BIOGRAPHIA

A 11 d'abril de 1826 nasceu n'esta villa Antonio Gonçalves dos Ramos. Leccionou-lhe as primeiras letras o fallecido professor Ignacio Saparra, matriculando-se em seguida no Seminario de Tuy, onde fez com distincção o 1.º e o 2.º anno de latim gallego, tendo por contemporaneos o padre Ralha, de Roriz, e o hoje engenheiro *Chino*, do Fayal.

Em 1848 bateu-se em duello com um seu cunhado de appellido o «Trapalhão», em desaggravo de um communicado, que este fez publicar no antigo «Barcellense» e no qual era violentamente attingido o nosso biographado; mas, com tal pericia se houve, que ao 3.º assalto fere-o com uma fouçada na perna direita.

Em 1850 assentou praça com o posto de cadête, no regimento de lanceiros 2, tendo tomado parte activa no Cerco do Porto, onde foi attingido por uma bala no Monte de Laundes, motivo porque ainda hoje coxeia.

Sendo por tal motivo apresentado a S. M. D. Maria II, quando em 1852 esta rainha—aliás sua comadre adoptiva—veio a Barcellos, ella o recompensou por seus feitos com a commenda da «Santa de Rulhe».

Foi Gonçalves Ramos quem denunciou haver incendio na casa Simões, onde Sua Magestade estava hospedada, o que lhe valeu ser nomeado governador do Castello de Faria, com direito a usar *Dom*, como o prior da nossa Insigne Collegiada.

Estabelecendo a sua residencia em Fão, alli exerceu diversos cargos honrosissimos, entre os quaes os de regedor e provedor da Misericordia, sendo tambem eleito deputado pelo partido dos chamorros, de que era grande influente.

Em seguida, o povo de Espozende mais uma vez lhe manifestava a sua sympathia, elegendo-o camarista, sob a presidencia do Manoel Ferreiro, sendo a elle que se devem os mais importantes melhoramentos d'aquella villa, como sejam o talho do Damião, o albergue de S. Ricardo e a creche da Nalla.

Dedicando-se á vida maritima, fez exame de piloto na escola naval de Gandra, fazendo a sua primeira viagem na Chalupa «Florinda» com carregamento de tijolo do Meira, com destino á Granja, pittoresca praia portugueza.

Voltando a Barcellos, foi nomeado procura-

dor de causas, cargo que ainda hoje exerce com rara intelligencia.

Casou três vezes, sendo ainda viva a sua primeira mulher.

Antonio Ramos conta actualmente 47 annos (a ordem dos factores é arbitraria).

Ahi vae o horario dos comboios entre Barcellos e Espozende:

N.º 2—comboio místico, ás 5,34 da manhã.

N.º 4—carroção, ás 12,2 da tarde.

N.º 6—mala posta, ás 4,40.

N.º 8—místico, ás 7,15 da tarde.

Os srs. Manuel Faria, João Bravo, José Velloso, Severino M. de Sousa, João Faria, Lemos ourives, João Duque e José Faria, foram commissionados aos Feitos adquirir murta para os festejos a S. João em Barcellinhos.

Um dos habitantes d'aquella freguezia offerecen a estes nossos barcellenses um cabrito, cuja partilha se tornou difficil.

Operou o José Velloso e, depois, á sorte, com uns bilhetinhos deitados no chapeu do Manuel Faria,—para ninguem se melindrar—tocou a cada o seguinte:

Mãos e pés: Severino José de Sousa; miolos: João Bravo; tripas: José Velloso; pelle: Lemos ourives; chifres: José Faria; rabo: Manoel Faria; lingua: João Faria; baraço (com que vinha prezo) João Duque.

O resto foi distribuido pelos pobres envergonhados, d'esta villa.

O SANTO ANTONIO

Não ha ahi nenhuma criança que não festeje o Santo português, enthronisando-o em barricas do bacalhau, em caixões dos figos ou de macarrão.

Em qualquer beco, viella, rua, largo ou campo, sómos invadidos por um bando de meninos ou meninas, que se nos agarram chateando-nos, mettendo-nos o pires das esmolas á cara: «num constante peditorio para Santo Antonio».

Nem todos os transeuntes são educados e tem succedido á nossa vista as crianças ouvirem uma resposta obscena.

Ora isto não é tudo—está provado que o pedir descára os pequenos.

*
Afinal de contas, o thaumathurgo não é o santo lisboeta é o Portella que faz o milagre, não de salvar ninguem da fôrça, nem de fallar aos peixes, mas de converter os cobres do rapazio em estrepitosos *trics-tracs*, em vistas luminosas, esguiches de fogo, lagrimas de crocodilo, bichas de rabiari, etc.

Viva o Portella pae!

Viva o filho do Portella pae!

Album da «Lagrima»

Endereço d'um subscripto:

Exm.º Sr.—

José Carvalho

Fornoso, e Enteligente Empregado Commercial

S. E. C. em=

Barcellos

Ora toque aqui Exm.º Sr. José Carvalho:—parabens.!

S. João em Barcellinhos

E' inegavel que a rapaziada de Barcellinhos é preciosa para qualquer festa que emprenham.

Temos para exemplo o S. João, que este anno vae ter naquella freguezia brilhantes festejos, promovidos por uma sympathica pleiade de entusiastas rapazes que, n'uma vigorosa união como aquella que conservam, só não fazem o que não querem.

No estabelecimento do Aurelio

Entramos hontem no estabelecimento do Aurelio Ramos e vimos la um grande ajuntamento.

Proximo ao baleão, coreovado, o carrejão Sousa, auxiliado por varios individuos, arrancava duas taboas do soalho.

Vimol-o tirar o casaco, arregaçar a camisa, espreitar pela abertura que as taboas deixaram. Metter depois a dextra a busear ignoramos qué.

Que é isto? Perdeu alguma cousa ó Sousa? Decerto uma pedra preciosa...

—Não, diz-nos o carrejão, a suar como um burro: foi meio tostão que se sumiu por uma rachadella do chão...

O Manoel Russo avalia os prejuizos causados (obra de carpinteria) em 360 réis.

Nós á primeira impressão, franqueza, ao entrarmos na loja do Aurelio, julgava-mos que se tratava d'um réclame á americana—ao catê de Minas Geraes que ali se vende.